

# **ADIMB**

Agência para o Desenvolvimento e  
Inovação do Setor Mineral Brasileiro

**Clipping n° 36/2022**

**O conteúdo das matérias é de inteira  
responsabilidade  
dos meios de origem.**

**02 de Novembro de 2022**

# SimeXmin

X SIMPÓSIO BRASILEIRO DE EXPLORAÇÃO MINERAL X BRAZILIAN SYMPOSIUM ON MINERAL EXPLORATION

27 A 30 DE NOVEMBRO DE 2022

OURO PRETO/MG PARQUE METALÚRGICO

Inscrições Abertas!

CONFIRA A  
PROGRAMAÇÃO  
COMPLETA!



O Simpósio Brasileiro de Exploração Mineral - SIMEXMIN é o evento técnico-científico de maior relevância organizado pela Agência para o Desenvolvimento e Inovação do Setor Mineral Brasileiro – ADIMB, pois é o fórum de referência para o desenvolvimento da pesquisa mineral do Brasil.

O X SIMEXMIN será realizado presencialmente na cidade de Ouro Preto (MG) no período de 27/11 a 30/11/2022 e trará doze sessões temáticas com palestras de profissionais da indústria, da academia e do governo, além de especialistas de nível internacional, que abrangerão aspectos técnicos, econômicos, políticos, de investimentos e legais, sociais, ambientais e de governança, intrinsecamente relacionados à pesquisa mineral e mineração no Brasil.

Concomitantemente às sessões temáticas ocorrerá a ExpoSIMEXMIN 2022, um ambiente de estandes onde empresas privadas e instituições públicas terão a oportunidade de expor seus produtos e serviços, realizar negócios, assim como compartilhar experiências, avanços e desafios institucionais na pesquisa mineral e mineração brasileira.

[ADIMB.ORG.BR/SIMEXMIN2022](http://ADIMB.ORG.BR/SIMEXMIN2022)

Promoção



Patrocinador Diamante



Patrocinador Ouro



Patrocinador Prata:



Patrocinador Cobre:



Apoio Institucional





# UM **EXPANSIONISTA** DA PESQUISA MINERAL **NO BRASIL**

Experiente quadro da ADIMB – Agência para o Desenvolvimento e Inovação do Setor Mineral Brasileiro, entidade com 26 anos de história, ele é um ativista em prol da pesquisa mineral no Brasil. Geólogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), teve seu primeiro emprego em uma multinacional sul-africana de ouro, passou por uma editora de livros técnicos e voltou para a mineração como gerente nacional de uma junior company de ouro e platinóides. Admitido na área de Exploração Mineral da Codelco do Brasil se tornou, logo depois, presidente da empresa, posição que ocupou por 14 anos, até março de 2022, quando a gigante estatal chilena de cobre encerrou suas operações por aqui.

Desde abril deste ano, Marcos André Gomes Veiga Gonçalves é o diretor de Metais Básicos e Novos Negócios da Bemisa, mineradora brasileira que opera o Complexo Baratinha, de minério de ferro, em Minas Gerais, e está implantando o projeto Água Azul, de ouro, no Pará. Na nova casa, o executivo tem a função, entre outras, de captar projetos minerais promissores e investir em seu desenvolvimento, ampliando a carteira de ativos minerários da empresa, já bastante múltipla. Gonçalves é também o presidente do Conselho Diretor da ADIMB, que se prepara para realizar, em novembro, o décimo Simpósio Brasileiro de Exploração Mineral (Simexmin), este ano de forma presencial.

Nesta entrevista exclusiva à In the Mine, o geólogo fala das diferenças de trabalhar em junior e major companies, da ADIMB, da Bemisa, do PDAC 2022 e, claro, do Simexmin. Aborda, ainda, temas como exploração mineral no Brasil e mecanismos para seu financiamento e desaprova a revisão do marco legal da mineração. O executivo faz, ainda, considerações sobre a mineração em Terras Indígenas e a dificuldade do setor em comunicar uma imagem positiva da mineração. A jovens geólogos recomenda a experimentação, as descobertas e as boas amizades. Avisa que nada vem fácil. E que é preciso seguir em frente.

Foto: Divulgação

**ITM:** Em seus 26 anos de atuação no setor mineral, o senhor trabalhou em junior e major companies. Quais as diferenças entre essas empresas?

**Gonçalves:** Os contrastes são evidentes. Em uma junior company, o horizonte de planejamento é, na maioria das vezes, de muito de curto prazo. Já as majors têm capacidade de elaborar um planejamento estratégico, considerando prazos mais longos. Outra grande diferença entre as pequenas e grandes empresas onde atuei era a forma como cada uma se posicionou ao longo dos ciclos de baixas e altas dos preços das commodities, retraindo ou mantendo seu investimento nos projetos.

**ITM:** Como foi presidir a Codelco do Brasil, a gigante estatal de cobre do Chile?

**Gonçalves:** Cheguei na Codelco em 2008 e, em 2009, fui nomeado como presidente porque a empresa queria um executivo brasileiro à frente de suas operações no Brasil. Durante os 14 anos em que exerci esse cargo tive muitas experiências gratificantes, especialmente a de lidar com todos os profissionais que por lá passaram. Testemunhei cinco gestões diferentes da matriz da companhia no Chile, todas com a resiliência de persistir na expansão internacional. Nesse período realizamos pesquisa mineral em quase todos os estados do Brasil, exceto na faixa de fronteira, avaliando centenas de oportunidades próprias e de terceiros. Como a Codelco é uma empresa que, pela lei chilena, só pode operar minas de cobre, os projetos de outra natureza eram vendidos no mercado, sempre deixando a porta aberta para, no futuro, desenvolver um projeto específico de cobre. Foi uma fórmula muito exitosa, embora complicada se consideramos os mega jazimentos de cobre existentes no Chile.

**ITM:** O foco aqui, então, era buscar grandes depósitos de cobre?

**Gonçalves:** Sim. Mas também consideramos jazidas menores, de cobre ou não, que pudessem gerar negócios para a companhia e financiar sua operação no país, sem a necessidade de aportes constantes da matriz. Embora pareça uma visão racional e sensata, nem sempre é fácil atuar assim. O Brasil tem potencial para ocorrências de cobre, mas nossa perspectiva era a de uma empresa que produz centenas de milhares de toneladas de cobre por ano. Outra experiência interessante na Codelco

foi a maneira paciente e pragmática com que a alta direção lidou com as crises de 2008/2009 (subprime), mundial, e de 2013/2014 (paralisação da concessão de alvarás de pesquisa), no Brasil. Não houve a decisão fácil e imediatista de encerrar a operação no país e focar no Chile. Essa decisão só veio em março de 2022, essencialmente para priorizar os projetos gigantes de expansão no Chile.

**ITM:** Desde abril deste ano, o senhor é o diretor de Metais Básicos e Novos Negócios da Bemisa. Qual é o histórico da companhia?

**Gonçalves:**

A Bemisa é uma empresa brasileira, que iniciou atividades em 2007 e atravessou vários ciclos de alta e baixa do setor de mineração. Entre eles, uma passagem interessante é a dos dois anos da pandemia de Covid-19, período em que a empresa não interrompeu suas atividades e ainda cresceu, saindo de 500 para cerca de 850 empregados diretos, sem contar os terceirizados. Hoje, temos o Complexo Baratinha em Minas Gerais, com capacidade de produção de 2,3 Mtpa de minério de ferro e projeto de expansão da vida útil da mina. Em breve, teremos também a entrada em operação da mina de ouro Água Azul, na cidade homônima no Pará. A princípio, em fase experimental com guia de utilização e, na sequência, por meio de decreto de lavra, com produção inicial de 14 mil onças de ouro ao ano.

**ITM:** A Bemisa tem uma carteira variada de projetos. Como eles devem ser financiados?

**Gonçalves:** A empresa busca diversificar e ampliar seu portfólio de projetos, criando valor e aproveitando as oportunidades de negócio que surgem. Uma das minhas funções na empresa, aliás, é captar bons projetos e investir neles. A forma de financiamento é uma decisão do Conselho de Administração, mas, essencialmente, são empregados recursos próprios. Às vezes, um projeto entra em um ritmo de espera para que outro, com melhores resultados, possa ser impulsionado. É uma forma de atuação comum a outras empresas do setor.

**ITM:** Atualmente, o senhor é presidente do Conselho Superior da ADIMB. Como tem sido sua participação na entidade?

“

A maior diferença entre uma grande e uma pequena mineradora é como cada uma se posiciona ao longo dos ciclos de baixas e altas dos preços das commodities”

**Gonçalves:** Tenho um relacionamento de cerca de 20 anos com a ADIMB e, desde então, tenho dedicado parte de meu tempo à instituição, onde sempre convivi com profissionais da mais alta categoria. Já exerci a presidência executiva duas vezes e agora estou como presidente do Conselho Superior. Os principais focos da agência são a pesquisa mineral, a inovação tecnológica e a capacitação de profissionais do setor. Nesse contexto, a ADIMB possui as capacidades necessárias, por exemplo, para reunir, em um mesmo projeto, uma equipe de pesquisadores de universidades, companhias de pesquisa como o SGB-CPRM (Serviço Geológico do Brasil), consultorias e empresas de mineração. As mineradoras, que são associadas da ADIMB e financiam esses projetos, passado o período de confidencialidade, liberam o trabalho para divulgação pública, contribuindo para agregar conhecimento técnico ao setor como um todo. Hoje, temos projetos colaborativos com a Vale, a Centaurus e a Oz Minerals, por exemplo, que buscam resolver questões importantes relacionadas à pesquisa mineral nessas empresas.

**ITM: Como a entidade foi se atualizando, ao longo do tempo, diante de tantas mudanças tecnológicas e conceituais na mineração?**

**Gonçalves:** A ADIMB tem reverberado todas as transformações que ocorreram no setor mineral. Muita coisa mudou: a maneira de lidar, tratar e obter patrocínios, seja para cursos, projetos ou expedições geológicas. Temos que considerar a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados) e questões de compliance, rastreabilidade e transparência. As exigências das empresas são muito maiores, o que requer maiores cuidados com os recursos dos projetos colaborativos, por exemplo, que são de terceiros. Os processos são mais complexos, mas a ADIMB está se adaptando. Aprendemos muito sobre convergência digital durante a pandemia. Outra mudança é o aumento da participação de mulheres em nossas atividades. Entre os cinco membros de nossa atual diretoria executiva, por exemplo, há três mulheres e dois homens.

**ITM: Como foi a organização e quais os destaques da participação brasileira no PDAC neste ano?**

**Gonçalves:** Contamos com o apoio firme do MME (Ministério de Minas e Energia), do SGM-CPRM e da ANM (Agência Nacional de Mineração), além de empresas privadas do setor, todos

decididos a garantir a presença de uma delegação brasileira robusta no evento. Graças a esse grande alinhamento dos setores público e privado de nossa mineração, conseguimos que o Brasil permanecesse como country sponsor também neste ano. Foi a edição de maior superávit para a ADIMB, com importante aporte de recursos para a manutenção de nossas atividades. Durante a convenção, dois destaques foram o caráter mais diversificado das palestras técnicas, abordando temas além de ouro e ferro, e o interesse em minerais estratégicos, em especial níquel, lítio e grafita. Também chamou a atenção, na comitiva brasileira, a presença de profissionais mais jovens e de empresas de Inteligência Artificial e Machine Learning aplicadas.

“

A questão principal em relação às junior companies está muito mais relacionada ao fato de não termos ainda uma bolsa de valores do tipo Venture Capital”

**ITM: Em sua opinião, há necessidade de políticas públicas para junior companies de exploração mineral?**

**Gonçalves:** A questão principal em relação às junior companies está muito mais relacionada ao fato de não termos ainda uma bolsa de valores do tipo Venture Capital. Alguns aspectos estão sim vinculados, em parte, às políticas públicas que, em última análise, impactam o ambiente de negócios no país. Contudo, existe uma segmentação do setor mineral em empresas de pequeno, médio e grande porte e entre as que são produtoras e as focadas exclusivamente em pesquisa mineral, além das cooperativas. A questão de custos afeta a todos,

porém de maneiras diferentes.

**ITM: Um dos maiores obstáculos é o custo dos equipamentos.**

**Gonçalves:** Sim. Temos poucos fornecedores desse tipo de equipamentos e, em comparação a países como Austrália, Canadá e Chile, fica evidente que há muito a se avançar ainda nessa questão. Mas não podemos confundir o alto custo desses equipamentos com a inflação de preços em razão da logística internacional ou de crises externas que impactam as cadeias de suprimento globais. A dificuldade de manutenção ou conserto de equipamentos também é grande e, logicamente, afeta muito mais os pequenos mineradores.

**ITM: Em termos de financiamento, como o senhor avalia a primeira chamada pública realizada pelo Invest Mining em maio passado?**

**Gonçalves:** Foi bem-sucedida, com 33 projetos submetidos, e servirá como oportunidade para a correção de rumos e ajustes em todo o processo. O último evento do Invest Mining em 2022 será em 30 de novembro, em Ouro Preto (MG), durante o X Simexmin (Simpósio Brasileiro de Exploração Mineral). Em paralelo, a ADIMB está trabalhando juntamente com a ABPM (Associação Brasileira de Pesquisa Mineral), o IBRAM (Instituto Brasileiro de Mineração) e o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), para ajustar algumas das propostas recebidas e divulgar seu resumo aos interessados em nosso website ([www.investmining.com.br](http://www.investmining.com.br)).

**ITM:** O governo federal busca criar instrumentos de financiamento a projetos minerais, inclusive com alteração do marco legal do setor. Esse é um caminho?

**Gonçalves:**

Algumas das dificuldades enfrentadas hoje pelo setor dizem respeito a temas transversais a toda a atividade econômica. Não acredito que seja necessário mudar a legislação e me preocupa que isso afugente o investidor. Algo que considero urgente e importante é a retomada, com um fluxo contínuo e previsível, dos editais de disponibilidade de áreas pela ANM, visto o sucesso das cinco primeiras rodadas. Também é fundamental, como falei, a criação de uma bolsa de valores no Brasil, em paralelo com instrumentos que permitam diversificar as fontes de recursos para financiamento da mineração, com oportunidades de escolha para o pequeno minerador e as junior companies, em especial as não produtoras. Isso tem sido discutido em fóruns como o IMME (Iniciativa Mineração, Mercado e Energia). Para financiar a pesquisa mineral, ainda, é preciso aprimorar a resolução sobre direito minerário como garantia. O minerador deve poder utilizar esse instrumento independente da etapa em que se encontra seu projeto. Trata-se de uma negociação entre entes privados, do lado de quem toma o risco e de quem aceita os termos oferecidos para a garantia.

**ITM:** O senhor concorda com a mineração em Terras Indígenas (TI's)?

**Gonçalves:** Acredito que é necessário pacificar o entendimento sobre as ditas zonas de amortecimento de TI's. Essa restrição atrasa a pesquisa mineral, visto a espera de meses por uma

decisão que permita ou não a atividade nessas áreas. Além do que não existe, que eu saiba, TI com zona de amortecimento. Ampliou-se para as terras indígenas o conceito de zona de amortecimento das Unidades de Conservação. Sem entrar no mérito da polêmica, lembro que nossa Constituição permite a pesquisa mineral em TI's. O ideal é que essa disposição seja finalmente regulamentada.

**ITM:** Como o atual Código de Mineração pode ser aprimorado?

**Gonçalves:** Além dos leilões de áreas, que diminuem o estoque regulatório e criam mais oportunidades de investimento em pesquisa mineral, precisamos simplificar os procedimentos e suprimir a burocracia, fatores importantes para atrair capital ao país. Também poderia ser criada uma espécie de Parceria Público Privada (PPP) para a pesquisa mineral, no modelo que a ADIMB já vem empregando em seus projetos colaborativos, para retomar mapeamentos geológicos e levantamentos aerogeofísicos. Existe um espaço para a construção de ferramentas que alavanquem a pesquisa mineral e, talvez, a ADIMB seja uma plataforma para a convergência desse processo.

**ITM:** Também a legislação ambiental brasileira deveria ser modificada?

**Gonçalves:** Sem dúvida, precisamos ajustar o tema do licenciamento ambiental. Não tem cabimento, por exemplo, exigir licença ambiental para pesquisa mineral, sabidamente uma atividade de baixo impacto. A demora de meses, às vezes mais de um ano, na concessão da licença, prejudica o minerador e não remunera o estado por impedir o avanço da pesquisa mineral e postergar a descoberta de uma jazida. A licença ambiental é necessária para a extração mineral, quando há um fluxo contínuo de produção.

**ITM:** Falou-se muito na Exposibram em demonstrar à sociedade brasileira a importância da mineração, a exemplo do que faz o agronegócio. Qual é sua opinião a respeito?

**Gonçalves:** O agronegócio é muito citado como benchmark de comunicação, mas são setores com capilaridades diferentes na sociedade. A safra agrícola acontece entre três e cinco

“

Não tem cabimento exigir licença ambiental para pesquisa mineral, que sabidamente é uma atividade de baixo impacto”

”



Foto: Divulgação

## PERFIL

**Nasceu em:** 13 de abril de 1969, no Rio de Janeiro (RJ)

**Mora em:** Rio de Janeiro (RJ)

**Formação Acadêmica:** Geólogo, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Administração e Política de Recursos Minerais, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). MBA em Logística Empresarial pela FGV-RJ (Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro)

**Trajetória Profissional:** Geólogo na Gold Fields, multinacional sul-africana de ouro (1996 a 1999). Coordenador de Logística na Ediouro Publicações (2000). Gerente nacional da Solitario Resources (2001 a 2008), uma junior company com atuação em projetos de ouro e platinóides – platina e paládio, principalmente – através das subsidiárias Altoro Mineração e Pedra Branca do Brasil Mineração, no Mato Grosso, Pará e Bahia. Presidente da Codelco do Brasil Mineração (2008 a 2022). Diretor de Metais Básicos e Novos Negócios na Bemisa (a partir de abril de 2022)

**Família:** Casado, com três filhos

**Hobby:** Ler, caminhar e fazer trilhas, viajar

**Time de futebol:** Flamengo

**Um ídolo ou mestre:** Nelson Mandela, pela obstinação e determinação em busca de um ideal

**Maior decepção até hoje:** Não implantar uma mina, fruto de um projeto que tenha saído do zero

**Maior realização até hoje:** A família que eu construí e mantenho até hoje

**Um projeto:** Deixar um legado de realização, de algum protagonismo e de contribuição para ver nossa mineração crescer e se diversificar no Brasil

**Um “conselho” a jovens geólogos:** Experimentem no início, descubram do que gostam, cerquem-se de boas amizades e sigam em frente. Nada vem fácil

meses. A validação de uma jazida mineral e sua conversão em mina podem levar mais de 12 anos. Todos veem a fazenda, a semeadura, a colheita, enquanto a pesquisa mineral não está no dia a dia dos povoados, vilas e cidades. Emprega menos pessoas e é mais pulverizada porque a maioria dos projetos não resiste à primeira etapa de sondagem. Por sua vez, quando a mina chega, não ocupa uma área de milhares de hectares na superfície do solo. Isso se não for subterrânea. De toda forma, não transmitimos bem os benefícios indiretos da instalação de uma mina nas economias locais e não acho que vamos conser-tar um longo período de má comunicação com a sociedade da noite para o dia. Embora sejamos cobrados disso com urgência, inclusive em nossas casas. Precisamos demonstrar o quão fun-damental a mineração é hoje e será no futuro. Principalmente, se quisermos incorporar as novas tecnologias tão necessárias à transição energética e ao desenvolvimento do país.

**ITM: Estamos às vésperas da realização do Simexmin. Quais são as expectativas para esse encontro?**

**Gonçalves:** Passamos por dois anos difíceis durante a pan-demia de Covid-19, com receitas bastante escassas e, tanto o Simexmin quanto nossos cursos, tiveram que ser realizados de forma virtual, o que foi um enorme desafio e um grande aprendizado. Nossa expectativa, agora, é otimista e cautelosa ao mesmo tempo. Principalmente depois da mobilização que vimos para a delegação brasileira no PDAC. Retornamos em novembro, ao invés do tradicional mês de maio, e já contamos com 13 patrocinadores e todos os estandes ocupados, após um intenso trabalho nas mídias sociais.

**ITM: Quais temas farão parte do simpósio?**

**Gonçalves:** Ao longo de três dias, entre 27 e 30 de novem-bro de 2022, teremos 12 painéis temáticos, tratando de temas como o desenvolvimento de projetos no país; as perspectivas futuras para o setor de mineração; mecanismos de investimento para projetos de mineração; ESG (Governança ambiental, social e corporativa); e inovação. Teremos também a atualização dos mapas metalogenéticos da Colômbia, Peru, Equador e da Amé-rica do Sul, além de uma apresentação da Comissão Brasilei- ra de Recursos e Reservas (CBRR). Em paralelo, o SGB-CPRM divulgará seu Balanço Social e será ministrado um curso para professores da rede municipal de Ouro Preto (MG). Também te-remos uma premiação com a entrega da “Medalha Professor Onildo Marini” ao melhor vídeo sobre Geologia Econômica, reali- zado por alunos de graduação, pós-graduação, docentes e pes- quisadores de instituições de ensino ou pesquisa do Brasil.

## Vale vai desenvolver complexos industriais de produtos de baixo carbono no Oriente Médio

A cooperação visa a produzir briquete de ferro (BHBI, na sigla em inglês), fabricado à base de pelota de minério de ferro, e produtos de aço para os mercados locais e em todo o mundo, com redução significativa das emissões de CO<sub>2</sub>, diz a Vale.

Segundo a empresa, a produção de HBI com utilização de gás natural emite aproximadamente 60% menos CO<sub>2</sub>, quando comparado com a produção de ferro gusa, e a expectativa é de que, no futuro, a substituição de gás natural por hidrogênio e a utilização de energia renovável possam eliminar as emissões de CO<sub>2</sub>.

A Vale diz ainda que vai construir e operar as plantas de concentração e briquetagem de minério de ferro nos centros industriais, assegurando a oferta de produtos aglomerados, enquanto os parceiros locais vão construir a infraestrutura logística necessária e investidores e clientes vão construir e operar as plantas de redução direta, além de comprar HBI.

“Estamos muito satisfeitos em anunciar essas parcerias, que nós acreditamos que serão chave para apoiar a descarbonização da indústria siderúrgica. Com essa iniciativa, a Vale vai garantir a disponibilidade de produtos aglomerados de alta qualidade e promover a expansão da indústria do aço com baixa emissão de CO<sub>2</sub>”, de acordo com o diretor-presidente da Vale, Eduardo Bartolomeo.

A meta da Vale é reduzir 15% das emissões líquidas de escopo 3, relativas à sua cadeia de fornecedores e clientes, até 2035, e a empresa busca reduzir suas emissões absolutas diretas e indiretas, de escopo 1 e 2, em 33% até 2030 e alcançar neutralidade até 2050, diz o comunicado.

Veja tudo sobre o balanço da Vale e outros indicadores financeiros, além de todas as notícias sobre a companhia no Valor Empresas 360

A meta da Vale é reduzir 15% das emissões líquidas de escopo 3, relativas à sua cadeia de fornecedores e clientes, até 2035.

**Fonte: Valor Econômico**

**Data: 01/11/2022**

## Minerais no fundo do oceano atraem empresas de mineração

Minerais estratégicos localizados no fundo do oceano estão atraindo a atenção de empresas de mineração, que buscam expandir suas operações também para essas regiões.

De acordo com uma reportagem do site Automotive News, mineradoras estão direcionando esforços para explorar campos de rochas submersos que contêm altas concentrações de níquel, cobalto, cobre e manganês. Esses minerais são considerados essenciais para a produção de baterias de veículos elétricos.

Pesquisas indicam que as rochas que cobrem o fundo do mar contêm muito mais níquel e cobalto do que as reservas no continente. Segundo o Serviço Geológico do Brasil (SGB/CPRM), estima-se que existem 7 bilhões de toneladas de manganês, 340 milhões de toneladas de níquel, 290 milhões de toneladas de cobre e 78 milhões de toneladas de cobalto, na porção leste do Oceano Pacífico, em uma área de cinco milhões de quilômetros quadrados conhecida como Zona Clarion-Clipperton. Mas ainda não se sabe o quanto disso é acessível.

A Zona Clarion-Clipperton, entre o México e o Havaí, é o alvo principal da maioria das mineradoras. Essa região está sob responsabilidade da Autoridade Internacional de Fundos Marinhos (International SeaBed Authority – ISA), criada em 1994. Ainda segundo a reportagem, nos últimos 20 anos, a ISA concedeu 19 licenças de exploração a várias empresas e agora trabalha para elaborar um código de mineração para regulamentar a exploração mineral na região.

Apesar do potencial da região, grupos ambientalistas defendem que mais pesquisas são necessárias para compreender o impacto ambiental desse tipo de atividade.

No ano passado, a Organização Não Governamental (ONG) World Wide Fund for Nature protocolou à Justiça um adiamento da exploração mineral no fundo do mar para que se possa avaliar os prováveis impactos.

Enquanto isso, organizações como a Autoridade de Minerais do Fundo do Mar das Ilhas Cook apoiam a atividade. A organização já concedeu três licenças de exploração mineral a companhias de mineração só em 2022.

**Fonte: Minera Brasil**

**Data: 31/10/2022**

## NEXA: Aumento da receita líquida no 3T22 para U\$703 Milhões

A Nexa encerrou o terceiro trimestre com receita líquida consolidada de US\$ 703 milhões, um aumento de 7% em relação ao mesmo período do ano passado, impulsionado pelo maior preço do zinco na LME (London Metal Exchange), maiores vendas de metais e expansão do volume de chumbo produzido.

A produção de zinco chegou a 76 mil toneladas no trimestre, uma redução de 4,8% em relação ao mesmo período do ano passado, devido aos menores volumes processados e menor teor mineral na mina de Cerro Lindo (Peru). A produção de cobre seguiu a mesma tendência e atingiu 7,4 mil toneladas, uma queda de 5% frente ao terceiro trimestre de 2021. No entanto, a produção de chumbo aumentou 41%, atingindo 15,3 mil toneladas. Além disso, as vendas de zinco metálico, produto com maior valor agregado, atingiram 162 mil toneladas, 4% superior ao terceiro trimestre de 2021.

Apesar do aumento da receita líquida, o EBITDA ajustado apresentou redução para US\$ 103 milhões comparado a US\$ 155 milhões no mesmo período do ano anterior, devido ao menor desempenho dos segmentos de mineração e metalurgia. Essa redução foi decorrente aos maiores custos de matéria-prima no negócio de metalurgia, maiores custos operacionais, como energia e serviços de terceiros, e despesas pré-operacionais da mina de Aripuanã (Mato Grosso), que recentemente entrou em operação.

Segundo o CEO da Nexa, Ignacio Rosado, “embora acreditemos que o valor fundamental do zinco será forte nos próximos meses, dado os baixos níveis de estoque e a diminuição ou paralisação da produção em metalurgias na Europa, estamos tomando as medidas apropriadas para manter um balanço saudável, por meio da execução consistente de nossos programas de redução de custos, otimização de CAPEX e melhor estratégia de geração de fluxo de caixa. A adaptabilidade de nossa organização, bem como nossas eficiências operacionais, nos ajudou a superar os obstáculos durante a pandemia. Esperamos que essa resiliência nos ajude a enfrentar os atuais desafios macroeconômicos globais que nosso setor está lidando. No terceiro trimestre de 2022, entregamos o guidance de produção e custos, entretanto, nossos resultados foram impactados pela queda nos preços dos metais”.

No trimestre, o prejuízo líquido ajustado foi de US\$ 48 milhões comparado aos US\$ 9 milhões no mesmo período do ano passado.

## Lucro líquido ajustado totalizou US\$ 141 milhões

De janeiro a setembro, a receita líquida da Nexa atingiu US\$ 2,2 bilhões, um aumento de 16% em relação aos nove meses de 2021, impulsionado principalmente pelos preços mais altos do zinco na LME (London Metal Exchange). No período, a produção de zinco totalizou 222 mil toneladas ante 239 mil toneladas no ano passado. A produção de cobre atingiu 23,9 mil toneladas, enquanto a produção de chumbo foi de 41,8 mil toneladas. Por sua vez, as vendas de zinco metálico atingiram 449 toneladas. Nos primeiros nove meses de 2022, o EBITDA ajustado atingiu US\$ 598 milhões ante US\$ 568 milhões no mesmo período do ano passado. O lucro líquido ajustado da companhia alcançou US\$ 141 milhões, em linha com os nove primeiros meses de 2021.

## Aripuanã (MT): produção comercial em dezembro

Em julho, a companhia anunciou o início das atividades da mina de Aripuanã, que continuam com foco no aumento progressivo da taxa de produtividade da planta e na estabilidade do processo operacional. A utilização da capacidade de moagem atingiu 32% no final do terceiro trimestre e acreditamos que estamos no caminho para atingir 70% até o final de dezembro de 2022.

O primeiro lote de zinco, cobre e chumbo foi produzido com sucesso e a produção comercial está prevista para começar em dezembro de 2022. Ao final de setembro, aproximadamente 646 mil toneladas de minério estavam disponíveis em estoque, o que é suficiente para cobrir cinco meses de produção da planta de processamento no período de início de atividades.

A estimativa de CAPEX permanece em US\$ 385 milhões este ano. No terceiro trimestre, a Nexa investiu US\$ 85 milhões, totalizando US\$ 265 milhões nos nove primeiros meses do ano.

Na área de exploração e avaliação de projetos, cujo foco é repor e aumentar as reservas e recursos minerais, foram alocados US\$ 64 milhões de janeiro a setembro, além do CAPEX. Até o final do ano, a previsão total é de US\$ 82 milhões, mantendo o guidance previamente anunciado ao mercado.

## Empresa anuncia metas e compromissos ESG

Em linha com o Acordo de Paris e focada na redução dos impactos das mudanças climáticas, a Nexa anunciou seus novos compromissos ESG de longo prazo. As metas incluem alcançar a neutralidade das emissões líquidas de gases de efeito estufa – equilíbrio entre as emissões e a absorção de carbono – até 2040 e a meta de zero líquido até 2050.

Os oito compromissos de longo prazo estão segmentados em quatro tópicos principais: redução de emissões e neutralidade; segurança; uso e descarte de água; e pluralidade. Para mais informações, visite nosso site Nexa ESG.

**Fonte: Inthemine**

**Data: 28/10/2022**

## MME realizará seminário para debater a mineração urbana

A busca por soluções sustentáveis para a exploração comercial e gestão dos recursos naturais motivou a configuração de novos sistemas produtivos e modelos de negócio que convergem para os conceitos de mineração urbana. Nesse contexto, a Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral do Ministério de Minas e Energia, realizará, no dia 16 de outubro, a primeira edição do seminário “Mineração Urbana e Economia Circular na Mineração”. O evento acontecerá no auditório térreo do MME, localizado na Esplanada dos Ministérios, Bloco “U”, em Brasília.

No seminário serão abordadas as propostas que atendem à demanda global por uma economia circular, abrangendo a regulamentação e o desenvolvimento de soluções tecnológicas eficientes para a gestão e estratégias sustentáveis, bem como o uso de tecnologias para recuperação de materiais.

O evento é uma parceria entre o MME, Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), Centro de Tecnologia Mineral (CETEM), Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM), O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), Organização das Nações Unidas, Circuito Urbano 2019 e Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer.

**Fonte: GOV.BR**

**Data: 01/11/2022**



## Petrobras avança em acordo com ANP e SGB-CPRM para instalação dos dois maiores acervos geológicos do país

A Petrobras avançou em acordo com a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) e o Serviço Geológico do Brasil (SGB-CPRM) para instalação dos dois maiores acervos geológicos de rochas do país (as chamadas “litotecas”) – um no Rio de Janeiro e outro em Caeté (MG). As discussões acontecem no contexto do protocolo de intenções que prevê também a instalação do Centro de Referência em Geociências, com laboratórios de alta performance, e a revitalização do Museu de Ciências da Terra.

A Petrobras avançou em acordo com a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) e o Serviço Geológico do Brasil (SGB-CPRM) para instalação dos dois maiores acervos geológicos de rochas do país (as chamadas “litotecas”) – um no Rio de Janeiro e outro em Caeté (MG). As discussões acontecem no contexto do protocolo de intenções que prevê também a instalação do Centro de Referência em Geociências, com laboratórios de alta performance, e a revitalização do Museu de Ciências da Terra.

O acervo das amostras é de propriedade da União e, atualmente, está sob a guarda da Petrobras. O projeto é fruto de um protocolo de intenções firmado, em 2018, pela Petrobras, SGB-CPRM e ANP, visando a cooperação e o apoio técnico operacional para ampliação do conhecimento geológico aplicado às áreas de petróleo e gás. Em 2020, a Petrobras e a SGB-CPRM assinaram termo de cooperação para elaboração dos projetos e construção das litotecas. Em paralelo, as instituições iniciaram o projeto executivo para instalação do Centro de Referência em Geociências, além da reforma e ampliação do Museu de Ciências da Terra.

Os projetos executivos foram concluídos em julho deste ano, o que permitirá o avanço para a próxima fase do protocolo de intenções.

Quando construídas, as litotecas deverão abrigar centenas de milhares de amostras de rochas coletadas ao longo de mais de 70 anos de história da exploração e produção de petróleo no Brasil, cobrindo um período que vai desde as primeiras descobertas em terra, até os recentes achados extraídos do pré-sal. O objetivo é contribuir para a disseminação do conhecimento geocientífico para a academia e instituições de pesquisa, além de preservar a memória geológica do país.

Adicionalmente, a Petrobras vai liderar, no âmbito de sua participação no Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás – IBP, o interesse da indústria em investir conjuntamente no Centro de Referência em Geociências, bem como na reforma e ampliação do Museu de Ciências da Terra, com foco no conhecimento geológico nacional voltado para o setor.

As rochas do pré-sal, por exemplo, coletadas a mais de 7 mil metros de profundidade, trazem, em si, um volume expressivo de dados, essenciais para compreender a origem da formação das jazidas, além de servir de legado para descobertas futuras. A cerimônia que marcou o avanço do projeto aconteceu nesta sexta-feira (28/10), na sede da Petrobras, no Rio de Janeiro, e contou com a presença do ministro de Minas e Energia, Adolfo Sachsida, além dos representantes da Petrobras, ANP, SGB-CPRM e IBP.

**Fonte: SGB**

**Data: 28/10/2022**

## ANM divulga lista retificada de CFEM de municípios impactados por estruturas de mineração

De acordo com o Decreto nº 9.407/2018 e a Resolução ANM nº 006/2019 disponibilizamos em anexo Nota Técnica, com os requerimentos dos municípios que não constaram da lista retificada divulgada em 10/10/2022, beneficiários do art. 2º, § 2º, VII da Lei nº 8.001/1990 (incluído pela Lei 13.540/2017 - CFEM afetados pelas atividades de mineração), referente às estruturas de mineração, para o período de 05/2022 a 04/2023.

Os municípios que ingressaram com requerimento em 1ª instância da lista retificada poderão ingressar com recurso em 2ª instância.

O recurso deverá conter a seguinte documentação, em se tratando de ente federativo afetado pela existência de estruturas de mineração que viabilizem o aproveitamento industrial da jazida:

- a) processo(s) minerário(s) ao(s) qual(is) a(s) instalação(ões) está(ão) ligada(s); e
- b) geometria (Polígono) das instalações, em coordenadas geodésicas no Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas (datum SIRGAS2000), em meio digital, formato shapefile, juntamente com seu respectivo memorial descritivo.

O recurso deve ser impetrado até 03/11/2022 e deverá ser realizado, única e exclusivamente, por meio do Sistema Eletrônico de Informações (SEI).

O processo aberto via SEI deverá ser encaminhado para análise à Divisão Nacional de Distribuição, Inteligência e Planejamento de Receitas (DINDIPR), que avaliará a possibilidade de revisão da decisão ou encaminhamento à Diretoria Colegiada da ANM para decisão final.

Não será analisado o recurso realizado por e-mail, fax ou qualquer outra ferramenta que não seja o SEI, bem como fora do prazo ou com documentação incompleta.

Os casos omissos serão dirimidos pela Superintendência de Arrecadação e Fiscalização de Receitas (SAR) em conjunto com a DINDIPR.

**Fonte: GOV.BR**

**Data: 24/10/2022**



## Pesquisadores apresentam modelagem 3D de área potencial para exploração mineral

Com o objetivo de avançar no conhecimento geológico sobre a região do Sinclínrio Pitangui, importante distrito aurífero, localizada a noroeste do Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais, os pesquisadores do Serviço Geológico do Brasil (SGB-CPRM), Paulo Dias e Caio Matos, apresentaram a modelagem 3D da região, durante o webinar ‘Customer Talk: Modelagem Geológica-Geofísica 3D do Sinclínrio de Pitangui NW-QF - Minas Gerais -’, realizado nesta quinta-feira (27).

O trabalho utilizou dados geológicos (mapas e sondagem) e geofísicos (gravimetria e sísmica), a fim de contribuir com o avanço do conhecimento geológico do Greenstone Belt Pitangui: principal unidade que hospeda as mineralizações auríferas da região. Também, visou integrar os dados geológicos e os geofísicos para avançar no entendimento da evolução tectônica e ampliar os trabalhos e as perspectivas exploratórias da área.

“A visualização 3D ajuda a interpretar as regiões. A integração geológica, quando produzida neste modelo, sai muito bem elaborada. Além disso, é uma importante ferramenta para a compreensão do arcabouço tectônico e evolução do Greenstone Belt Pitangui”, esclareceu o pesquisador Paulo Dias. Segundo ele, os novos dados podem se tornar uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento de estratégias para selecionar alvos minerais profundos, expandindo o potencial exploratório para a província mineral.

O pesquisador Caio Matos apresentou os processos técnicos que ajudaram a desenvolver a modelagem, como a realização de testes de sensibilidade, delimitação dos limites laterais e os dados de profundidade, que foram fundamentais para a estruturação do projeto 3D. “Após a realização da modelagem 3D, foi possível visualizar cerca de 50 km do Greenstone Belt Pitangui, que antes não era conhecido, pois não era modelado”, explicou.

**Fonte: SGB**

**Data: 28/10/2022**

## CSN Mineração: lucro no 3T22 cai 37% para R\$ 514 milhões

A CSN Mineração divulgou na última segunda-feira (31) o relatório referente ao desempenho da empresa no terceiro trimestre de 2022 (3T22). No documento, a companhia reportou uma queda de 37,7% em seu lucro no período em comparação com o trimestre anterior. De acordo com a empresa, o lucro líquido obtido no 3T22 foi de R\$ 514,05 milhões.

A CSN Mineração informou que o desempenho foi impactado pelo menor impacto da variação cambial verificado no período. Isso compensou a melhora operacional do trimestre, segundo a empresa.

Ainda segundo o relatório, o EBITDA Ajustado (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) no 3T22 atingiu R\$ 926,1 milhões.

Já a receita líquida totalizou R\$ 2,50 bilhões e foi 3% inferior à registrada no trimestre passado e 10% inferior à registrada no mesmo período de 2021.

A empresa também informou que o resultado financeiro no 3T22 ficou positivo em R\$ 63,1 milhões, ante os R\$ 138 milhões de um ano antes.

Ao final do trimestre (30 de setembro), a CSN Mineração possuía um caixa de R\$ 9,7 bilhões e caixa líquido de R\$ 1,2 bilhão. Trata-se de uma retração de cerca de R\$ 550 milhões em relação ao 2T22.

**Fonte: MineraBrasil**

**Data: 01/11/2022**

## First Majestic drills high-grade gold near active underground mine area at Jerritt Canyon

First Majestic Silver (TSX: FR; NYSE: AG) has announced positive drill results from its ongoing exploration program at the Jerritt Canyon gold mine in Elko County, Nevada.

The 2022 drilling campaign at Jerritt Canyon consists of short-term focused underground core drilling testing extensions of known ore controls near active mining, mid-term focused drilling to validate/test the presence of mineralized volumes near historic workings, and long-term focused drilling aiming to make new gold discoveries in the district.

The latest results come from the area along the connection drift between the Smith and SSX underground mines. Follow-up drilling at the Smith mine returned multiple high-grade gold intersections in two drill holes, one of which had assays of 19.97 grams gold per tonne over 20.9 metres (including 5.12 grams gold over 7.6 metres and 4.25 grams gold over 13.3 metres).

“This gold intercept looks to have identified another high-grade underground mineralized pod near current mining activities, with similar gold grades to the recently discovered Zone 10 area,” said Keith Neumeyer, First Majestic’s president and CEO. “Additional follow up exploration holes are planned over the next few months to further define the dimensions and overall size of this exciting new area, which is located only 80 metres away from underground access.”

According to First Majestic, the two Smith holes appear to extend the potential of the previously intersected gold mineral zone to approximately 200 metres. The new gold intercepts are located approximately 80 to 200 metres northwest of the connection drift.

Another drill hole was completed at the SSX mine below and to the southwest of gold intersections from two previous holes. The new hole cut four gold intersections located approximately 170 to 300 metres from existing mine development and from the connection drift, respectively.

The SSX underground operation first began in 1997 and continued up until 2008, with gold production coming from the Steer, Murray, MCE, Smith, West Generator and Saval deposits. In 2009, a new mine plan was prepared for the Smith and SSX deposits, and gold production resumed a year later.

Prior to underground mining, the Jerritt Canyon mine operated as an open pit from early 1981 until late 1999, with mining carried out in multiple areas. The annual production from these areas ranged from approximately 40,000 to 1.4 million ounces.

First Majestic acquired the Jerritt Canyon mine from Sprott Mining on April 30, 2021. Shares of First Majestic surged 7.1% by 11:20 ET Tuesday following the new exploration results.

## **RANKED: The world's top 10 most valuable mines**

The mining industry relies on a relatively small number of giant deposits to fuel growth — and new discoveries of this nature are few and far between.

A ranking of the world's 10 richest working base and precious metal mines was compiled by calculating the aggregate value of mineral resources based on ruling prices, using data from sister company Miningintelligence.

Number 1 on the list, Norilsk Nickel's eponymous operations in Russia's far north, date back to 1960 with the discovery of the Talnakhskoye field although the refinery processing Soviet nickel output started up decades earlier. Today a complex of several mines around Norilsk extract the nickel, copper, platinum, palladium and gold metals from the magmatic sulphide deposit.

The second most valuable ore body in the world being mined today – Olympic Dam in South Australia – was discovered in the mid-1970s, while no. 3 Mogalakwena in South Africa began operations in the 1990s. The world's largest copper mine, Escondida, which sits at no. 4 on the list, was discovered in 1981 but wouldn't hit current production in excess of one million tonnes per year before 2004.

While these mines are approaching middle age, they are relative newcomers considering that no. 8 Morenci began operations in 1873, mining activity at no. 4 Collahuasi dates back to the 1880s, no. 10 Los Bronces went into production in 1916 and Grasberg (then Ertsberg or Ore Mountain) was first explored in 1936. Indeed, the world's top 20 copper mines have a weighted average age of nearly 100 years from initial discovery.

The discovery of Congo's Tenke Fungurume dates back to the 1970s, but standout on the list for its youth is Kamoakakula with first production only in May last year although the high-grade copper deposit in the DRC was first discovered in the early 2000s.

Mining's 2022 has been a particularly volatile year with a few metals – including bellwether copper – hitting all-time highs during the first quarter only to plunge to multi-year lows during the summer.

Measured from the start of the year all base metals – except nickel – are down by double digit percentage points with copper officially in a bear market with a 20% drop in 2022. Among precious metals palladium is showing gains for the year and platinum is trading flat, but gold is down nearly 10% and silver has lost 16% in value.

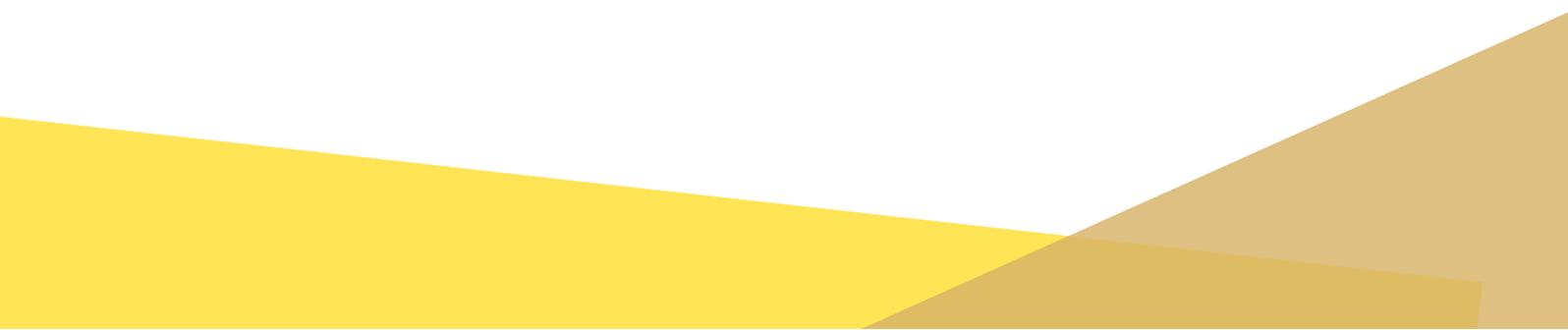
A back of the envelope calculation shows the value of the contained metal at Norilsk would have pushed US\$1.5 trillion back when palladium (representing 43% of the dollar value) was trading above US\$3,000, nickel (30%) over US\$48,000 and copper (19%) more than US\$10,000 back in March.

The same sum for Olympic Dam sees the copper (64% of the overall value), gold (19%), uranium (15%) and silver mine also top a US\$1 trillion measured using the 52-week highs of the metals and nuclear fuel. Uranium's comeback continues to gain momentum and the price of yellowcake is up more than 20% since the start of the year.

While not nearly all the contained metal in measured and indicated resources in these deposits will be extracted, the exercise does illustrate just what valuable assets mines like these are. And perhaps more pertinent – just how uneven rich deposits like these are scattered across the planet.

**Fonte: TheNorthernMiner**

**Data: 31/11/2022**



## Copper price jumps on weaker dollar

The copper price rose on Tuesday as investors bet that central banks would slow the pace of interest rate rises and the US dollar weakened.

In China, the yuan strengthened and equities rose after an unverified on social media saying that the government plans to lift its strict covid-19 restrictions in March.

Copper for delivery in December rose 3.7% on the Comex market in New York, touching \$3.50 per pound (\$7,700 per tonne).

The dollar was down 0.6% against a basket of major currencies.

Data on Tuesday showed global factory output weakened in October as recession fears, high inflation, and China's zero-covid policy hurt demand.

Markets were bracing for an economically damaging 0.75% US interest rate rise on Wednesday but hope the Federal Reserve's forward guidance will signal slower rises ahead.

The head of the European Central Bank said further interest rises would come despite the rising probability of a euro zone recession.

**Fonte: Mining.com**

**Data: 01/11/2022**

# Nossos Contatos



contato@adimb.org.br



(61) 3326-0759



/company/adimb-oficial



adimb\_oficial

## Sede

Centro Empresarial Liberty  
Mall Torre A, Sala 505  
SCN Q.02 Bloco D  
CEP : 70712903  
Brasília/DF



**ADIMB**  
Agência para o Desenvolvimento e  
Inovação do Setor Mineral Brasileiro